

Conable admite a possibilidade de garantir títulos do Brasil

18 SET 1987

Dívida Externa

ESTADO DE SÃO PAULO

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O presidente do Banco Mundial, Barber Conable, evitou assumir compromisso, mas não descartou a possibilidade de que possa dar garantias a títulos que o Brasil extraia da metade de sua dívida externa, com desconto de até 35%, abrindo uma pequena esperança tardia ao plano que o ministro Bresser Pereira abandonou, após encontrar-se com o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, há duas semanas, em Washington.

"Nós temos a intenção de atender às expectativas de nossos países-membros", disse Barber Conable, respondendo a uma pergunta, durante a apresentação do relatório anual do Banco Mundial. "Acreditamos que a maioria de nossos acionistas preferiria ver enormes fianças como uma exceção, quaisquer garantias como uma exceção, porque elas utilizam o capital disponível para outros objetivos (...) No entanto, estamos sempre dispostos a considerar planos inovadores que injetem mais dinheiro novo dentro do processo de desenvolvimento. Não temos uma expectativa imediata de (fornecer-mos) grandes garantias, mas examinaremos cada caso em particular".

A entrevista continuou, em outra direção. Mas três questões depois, um repórter insistiu, perguntando: "quando o sr. disse que não havia expectativa imediata para enormes fianças, estava pretendendo que entendêssemos que pode haver expectativa de alguma garantia do Banco Mundial?" Aí, ele respondeu:

"Acho que é sempre possível (dar garantias). Fizemos isso de tempos em tempos no passado, para concluir negócios (...) desde que não tivessem um impacto imediato em nosso capital nem reduzissem nossa capacidade para fazer tipos convencionais de empréstimos. Nossos países-membros já demonstraram considerável resistência em envolver-se com significativas fianças. Mas isto é algo que tem que ser considerado caso por caso, e não deveremos tomar medidas que indiquem um precedente a que todos poderiam recorrer, no futuro."

O repórter, Hobart Rowen, do *Washington Post*, continuou pressionando o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, dizendo-lhe, agora, que a pergunta inicial, feita pelo *Wall Street Journal*, referia-se a

garantias que seriam dadas a um novo tipo de títulos que aliviarão o problema crescente da dívida. Mais uma vez, ele procurou escapar, sem assumir algum compromisso:

"Nós iremos sempre considerar a possibilidade de um uso criativo de garantias, mas não estamos no ponto de promover uma maciça mudança política, a menos que vejamos uma grande vantagem para o banco, e a menos que possamos obter apoio de nossos países-membros".

O plano brasileiro de securitização da dívida foi explicitamente mencionado como um exemplo precursor. O repórter, Bernard Wolfson, da *Knight Ridder Financial News*, qualificou de "controvertido" o plano do ministro Bresser Pereira, supondo que ele só tenha sido retirado das negociações "provisoriamente", pois outros países tendem a reabilitá-lo, na medida em que os próprios bancos continuem reconhecendo que a dívida não valha mais o seu valor real. Daí, a questão: os países devedores não devem partilhar de parte do deságio?

"Sim", respondeu Barber Conable, "e a dificuldade, naturalmente, está em criar um esquema que permita que tais descontos sejam transferidos aos países devedores, e que este processo tenha continuidade, não seja um ato único (...). Nós estamos ansiosos por encorajar o desenvolvimento de mercados adicionais e de instrumentos inovadores".

A questão seguinte manteve aberta a discussão. Carl Hartman, da *Associated Press*, quis saber, então, se um país devedor pode se beneficiar da desvalorização de sua dívida no mercado. "Bem, penso que isto está sendo trabalhado", disse Barber Conable. "Em alguns casos, isto está sendo conseguido, particularmente nos casos de conversão de dívida por investimento."

Barber Conable ainda diria, respondendo outras perguntas, que é "muito difícil fazer conversões de dívida em patrimônio numa quantidade significativa", a menos que haja realmente um bom investimento, acrescentando: "Não diria que isso não seja possível. E. Tomemos uma economia como a do Brasil. O Brasil tem uma economia de US\$ 250 bilhões. É um país de grandes recursos. Já demonstrou sua capacidade de crescer e de dar uma volta por cima do seu passado. Alguma coisa pode ser trabalhada lá, mas isso requer, naturalmente, uma estrutura sofisticada, e leva-se tempo para criá-la".